

cadernos
de estudos
leirrienses

11

LEIRIA
DEZEMBRO DE 2016





Título: CADERNOS DE ESTUDOS LEIRIENSES – 11

Editor: Carlos Fernandes

Coordenador Científico: Saul António Gomes

(Professor Associado com Agregação do Departamento de História, Arqueologia e Artes da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra)

Conselho Consultivo: Isabel Xavier, J. Pedro Tavares, Luciano Coelho Cristino, Mário Rui Simões Rodrigues, Miguel Portela, Pedro Redol e Ricardo Charters d’Azevedo

Concepção e arranjo da capa: Gonçalo Fernandes

Colecção: CADERNOS – 11

©Textiverso

Rua António Augusto da Costa, 4
Leiria Gare
2415-398 LEIRIA - PORTUGAL
E-mail: textiverso@sapo.pt
Site: www.textiverso.com

Revisão e coordenação editorial: Textiverso

Montagem e concepção gráfica: Textiverso

Impressão: Artipol

1.ª edição: Dezembro 2016

Edição 1185/16

Depósito Legal: 384489/14

ISSN 2183-4350

Reservados todos os direitos de acordo com a legislação em vigor.

AS TRÊS GLÓRIAS DE LEIRIA de Afonso Lopes Vieira: *a piquena pátria dentro da Pátria grande*

Cristina Nobre*

Debruçar-me-ei sobre o texto de Afonso Lopes Vieira, intitulado por mim *As Três Glórias de Leiria* [GL]¹, que faz parte do seu espólio manuscrito e corresponde, seguramente, a uma conferência. Nela assistimos à rotação do escritor da portugalidade para o regionalismo, a “piquena pátria dentro da Pátria grande” [GL: 33 / Nobre, 2005, II: 681].

Lopes Vieira vai enaltecer as três glórias de Leiria – o castelo, o poeta Francisco Rodrigues Lobo e o herói Mouzinho de Albuquerque – a coberto de um programa de comemorações da cidade a que assiste o próprio Bispo de Leiria. Com todas as probabilidades, tratou-se das “Festas do Duplo Centenário e Exposição Distrital de Leiria de 1940”, festejos nos quais é convidado a participar ativamente (e a ajudar na decoração do recheio e legendas) pelo principal organizador, Horácio Eliseu².

*Professora coordenadora de Literatura Portuguesa da ESECS do IPL

¹ Vide Nobre 2005, II, pp. 667-682, com transcrição diplomática de *As Três Glórias de Leiria* [GL]. Na Biblioteca Municipal de Leiria [BML], este manuscrito pode ser consultado na secção de reservados, e tem a cota: BML, n.º 32017. Neste volume, à presente comunicação também se segue a transcrição, embora sem as variantes, numa forma simplificada de o leitor ficar a conhecer o texto integral da conferência nunca publicada em vida por Lopes Vieira.

² Como se pode ler numa carta que se encontra no Fundo Horácio Eliseu, cx. 1 — dossier “Correspondência recebida / expedida”, pertença do Arquivo Distrital de Leiria: “[...] Agora que a Exposição está encaminhada, e estou convencido de que irá a cabo, recorro à sua amizade que tanto me penhora, e ao seu bom conselho. § [...] § É para a decoração, recheio e legendas da Secção de Belas Artes e das Salas Principais do Pavilhão de Honra (Sala evocativa dos factos históricos relacionados com o Distrito, Sala dos valores, recursos e actividades regionais, etc.) que particularmente solicito as suas preciosas sugestões, renovando a diligência do nosso querido Amigo Luis Fernandes. § [...]”.

A temática considerada seria suficiente para fazer datar o texto a partir dos anos 30, período em que a desilusão de Lopes Vieira com a sociedade e a política lisboeta (como coração da nação) se acentua, e em que circunstâncias várias o levam a fixar residência – exilado na própria pátria – na sua casa das Cortes e em S. Pedro de Moel.

Faz referência direta ao estudo pioneiro do arquiteto Ernesto Korrodi sobre o Castelo de Leiria, de 1898³, e à Comissão das obras do Castelo, a que Korrodi pertenceu entre 1921 e 1933⁴, para se opor à “inspiração infeliz” do “acabamento minucioso das muralhas” [GL: 6 / Nobre, 2005, II: 671] que destoava do trabalho anterior. Ora, este trabalho de construção das muralhas fez-se entre 1936 e 1940 (Gomes, 1995: 270), o que remete a data deste enunciado mais para o fim dos anos 30.

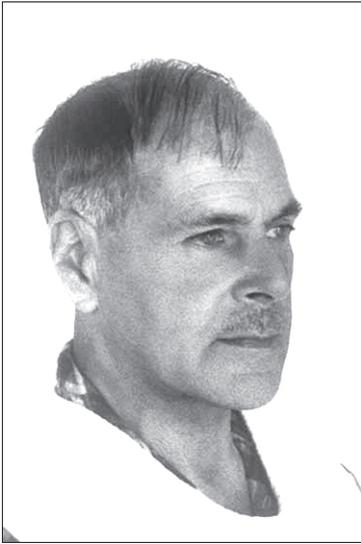
A conferência no Teatro Nacional, a propósito da edição nacional de *Os Lusíadas* [GL: 7 / *id.*, *ibidem*] (referida na conferência), era de 1928, ano do lançamento da obra, e a indicação temporal – “ha alguns anos” – deixa-a já distanciada no tempo. Mais clara é a referência a um “livro q. estou para publicar” [GL: 30 / Nobre, 2005, II: 680], onde se invoca a figura de Mouzinho de Albuquerque. Trata-se da obra poética epigonal, *Onde a Terra se acaba e o Mar começa*, de 1940. Ainda sobre Mouzinho de Albuquerque se referem as “recordações pessoais” que aparecerão nas “memórias q. estou escrevendo” [GL: 34 / Nobre, 2005, II: 681]. Penso tratar-se de *Memorial de um Construtor de Nuvens* [MCN], anunciado pelo escritor desde 1935 ao público leitor, mas que nunca chegou a ser publicado.

Há ainda referência a outros acontecimentos da cidade de Leiria: a iniciativa apresentada por Acácio Leitão para erigir um monumento a Rodrigues Lobo [GL: 25 / Nobre, 2005, II: 678]; a visita que “os congressistas da Crítica” [GL: 8 / Nobre, 2005, II: 671] fizeram a Leiria⁵; a sintonia com a obra regionalista

³ Ver Ernesto Korrodi, (1898) *Estudos de reconstrução sobre o Castelo de Leiria. Reconstituição gráfica de um notável exemplo de construção civil e militar portuguesa*, Zurique, Inst. Polygraphico.

⁴ Segundo dados de Saúl A. Gomes, em *Introdução à História do Castelo de Leiria*, Leiria, 1995, p. 268: “Por Portaria do Ministério de Comércio de 18.I.1921 foi nomeada uma Comissão administrativa das obras do Castelo de Leiria, subordinada à Administração geral dos Edifícios e Monumentos nacionais, composta por dois engenheiros [Dr. Afonso Zúquete, general Joaquim Lúcio Lobo] e um arquitecto [Ernesto Korrodi], tendo a seu cargo fazer os necessários orçamentos e dirigir as ‘Obras de reparação e consolidação das ruínas do castello de Leiria’, para o que lhe foi outorgada uma verba anual variável.” (p. 266) e ainda: “E. Korrodi dirigiria as obras até 1933.”

⁵ Julgo que esta visita terá acontecido no âmbito das comemorações das “Festas do Duplo Centenário e Exposição Distrital de Leiria de 1940” já que na “Nota Inicial”, de 2 de Abril de 1939, se diz: “Com



Afonso Lopes Vieira

de Francisco Rodrigues Lobo [GL: 9-29 / Nobre, 2005, II: 672-680] que irá culminar na apresentação, seleção e prefácio de Lopes Vieira na edição de 1940 de *Poesias de Francisco Rodrigues Lobo* e, em 1945, no prefácio da edição de *Corte na Aldeia e Noites de Inverno*. Uma vez que, desde 11 de Dezembro de 1938, Lopes Vieira era o 1.º Presidente da Assembleia Geral da Casa do Distrito de Leiria (cargo que ocupou até ao fim dos seus dias) é verosímil que esta conferência se situe por essa data, numa clara sintonia com o distrito que nunca deixou de o acolher como um dos ilustres filhos da cidade.

O mesmo intuito de paladino espiritual continua presente. Numa clara viragem para a região (desta feita a cidade de Leiria, mas sem esquecer Alcobaça, que tantas alegrias estéticas lhe proporcionou, ou a Batalha), é ainda o espírito nacional que está presente em GL. Ao recordar a história do Castelo de Leiria, o escritor nunca deixa os seus dotes de pedagogo, e faz a crítica historicista de toda uma época constitucionalista que menosprezou as riquezas arquitetónicas e artísticas do próprio país, bem como de um certo autoritarismo a-cultural do Estado Novo, cujo estilo “oficial” esquecia as particularidades, as idiossincrasias de cada época diluídas numa uniformidade castradora [GL: 1-10 / Nobre, 2005, II: 669-672].

É, pois, pugnano por um aproveitamento de tudo quanto é específico dos portugueses – seja a reprodução dos versos de *Os Lusíadas*, alusivos aos diversos topónimos das regiões portuguesas⁶, seja a utilização do líoz, pedra da região de Leiria, na construção do monumento a Rodrigues Lobo – que Lopes Vieira prossegue em Leiria o seu programa apostólico de esteta.

grande solenidade, e a presença de numerosos e ilustres convidados e visitantes estrangeiros, celebraremos, no próximo ano de 1940, o Duplo Centenário da Fundação e Restauração de Portugal” (p. 1) e “[...] a nossa terra beneficiará da honra de ser visitada pelo Elemento Oficial, Congressistas e Delegações Estrangeiras [...]” (p. 2).

⁶ Volta a insistir nesta ideia em 1943, num discurso que fez parte do I Congresso das Actividades do Distrito de Leiria: “Lápida camoneana” (pp. 39-40).

Em Rodrigues Lobo encontra o poeta cantor dos campos da cidade e da beleza das mulheres leirienses, e procura encontrar os motivos de interesse para o público da sua época numa obra que resistiu às obscuridades do estilo pastoril.

O monumento aparece, assim, como uma homenagem que a cidade devia a Rodrigues Lobo, e pela qual o escritor clama justiceiramente. Dívida que em 1943, durante a realização do *I Congresso das Actividades do Distrito de Leiria*, estava apenas meio paga, já que tinha sido tomada a decisão de colocar a estátua de Lerenó, da autoria de Anjos Teixeira Filho, parte do monumento a Rodrigues Lobo, no jardim da cidade, de costas para o rio, e Lopes Vieira, no seu discurso, lamentava ver Rodrigues Lobo “desterrado a contemplar a fachada de um Banco!” (p. 39), e terminava fazendo a seguinte proposta: “que o monumento de Francisco Rodrigues Lobo seja mudado para local escolhido por uma comissão, da qual fariam parte, além dos autores do monumento, os srs. Narciso Costa e Horácio Eliseu” (*id.*, *ibidem*). Esta proposta não vingou, e só em 22 de Maio de 1973 a cidade pagou honradamente a dívida, com a estátua do escultor Joaquim Correia, colocada na Praça Rodrigues Lobo, embora a sua colocação também tenha suscitado acesa polémica e a estátua tenha posteriormente sido mudada de disposição.

O herói Mouzinho de Albuquerque é um caso de confronto pessoal do poeta com o homem de ação que se distinguiu brilhantemente em África, mas é, acima disso, o retrato de alguém com “estatura épica”, a figura modelo que se pode e deve mitificar numa “época tão pobre de alma colectiva, tão mediocre de ideais” [GL: 36 / Nobre, 2005, II: 682], à memória de quem se devem pedir “as inspirações da nossa acção, as inspirações do amor da Pátria, do culto da Honra, da coragem moral diante de todos os perigos, e, sobre tudo, a crença invencível nas virtudes eternas do Espírito” [GL: 37-8 / *id.*, *ibidem*].

É interessante confrontar esta idealização da figura de Mouzinho de Albuquerque com a “Marcha MA”, da Ala Mouzinho de Albuquerque da Mocidade Portuguesa de Leiria, cujos versos são de Lopes Vieira e música de Ruy Coelho⁷. Eis a transcrição dos versos:

⁷ No espólio da BML encontram-se seis exemplares do folheto impresso, datado de “Leiria, Fevereiro 1938” [BML, A100, n.º 32572].

Mousinho! Mousinho! Mousinho!
Herói lusíada imortal!
Indica aos Moços o caminho
do alto amor a Portugal!
(refrão)

Tu foste a Espada deslumbrante
e a Inteligência clara e bela.
Assim Nunálvares diante
da eterna ameaça de Castela!
(refrão)

Ó Condestável desta idade,
ó genial Governador,
reviva a tua heroicidade
em nosso moço pátrio amor!
(refrão)

Viva Mousinho em sua Ala
em nosso amor viva Mousinho!
A tua benção, Herói, vem dá-la
Como o nosso grande Padrinho.
(refrão)

De novo o escritor regressa ao ponto de partida, desenhando o círculo iniciado com a própria vida, um círculo ideal onde a luz é feita da grandiosidade dos homens que fazem uma pátria emergir da sua obscuridade e se tornam os condutores dos valores mais puros da humanidade. Já perto do fim da vida, crítico em relação a grande parte da política cultural de então, Lopes Vieira continua a descobrir na sua amada província motivos de regozijo nacional e a despertar nos corações dos conterrâneos a urgência de construir ativamente marcos capazes de transpor esse passado heroico para o presente em rutura.

Como escreveu Robert Lynd, num dos seus ensaios intitulado *The Pleasures of Ignorance*, ainda que o conhecimento seja uma meta difícil e penosa de alcançar, só perseguindo-a o homem pode ter descanso:

Still we are constantly in reaction against our ignorance. [...] One of the greatest joys known to man is to take such a flight into ignorance in search of knowledge.

The great pleasure of ignorance is, after all, the pleasure of asking questions. The man who has lost this pleasure or exchanged it for the pleasure of dogma, which is the pleasure of answering, is already beginning to stiffen. [...] We forget that Socrates was famed for wisdom not because he was omniscient but because he realised at the age of seventy that he still knew nothing.” (*apud* Herd, 1948: 111-2).

A conferência *As Três Glórias de Leiria*, devolvida à luz por esta interpretação, mostra-nos uma fatia da luta contra a ignorância que Lopes Vieira desenvolveu sem esmorecer ao longo da vida, numa homologia entre conhecimento e amor a Portugal que foi a grande dádiva cultural legada por esta figura literária e também a sua modesta limitação. As folhas abandonadas em que essas circunstanciais palavras se conservam, sobreviventes aos episódicos momentos em que a voz do escritor as pronunciou, são interessantes documentos históricos do longo percurso do esteta que reescreveu Portugal nas diversas modulações de uma conjuntura determinada – da crença missionária num ideal de renascimento pátrio ao desalento inconformista de um obstinado Quixote.

Palavras deitadas aos vários ventos, de ouvidos com pouca memória, constituem hoje uma fatia memorável de uma reescrita ensaística de Portugal, tocando os extremos, da euforia à desilusão, mas provando que Lopes Vieira sempre reagiu ao desconforto face ao real cultural português com a esperança da palavra construtiva e pedagógica. Ensaios da utópica construção de um Portugal sonhado e da salvaguarda de um património regional muito amado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- GOMES, Saúl A. (1995) *Introdução à História do Castelo de Leiria*, Leiria.
- KORRODI, Ernesto (1898) *Estudos de reconstrução sobre o Castelo de Leiria. Reconstituição gráfica de um notável exemplo de construção civil e militar portuguesa*, Zurique, Inst. Polygraphico.
- LYND, Robert (1948) “The Pleasures of Ignorance” in HERD, Harold (ed.) *Essays that live*, Fleet Publications, London.
- NOBRE, Cristina (2005) *Afonso Lopes Vieira. A reescrita de Portugal*, vol. I, *Inéditos*, vol. II, col. Temas Portugueses, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, Lisboa.
- VÁRIOS (1943) *I Congresso das Actividades do Distrito de Leiria*, Leiria.

[AS TRÊS GLÓRIAS DE LEIRIA]

Esta nobre cidade de Leiria possui três grandes glórias, pelo menos três grandes glórias, q. a dignificam com êsse esplendor q. apenas as influências do Espírito conferem às terras como às pessoas – um monumento, um poeta e um herói – o Castelo, Francisco Rodrigues Lobo e Mousinho de Albuquerque. De certo a Batalha, como arrabalde q. é de Leiria, constitui outra glória magnífica, mas fica por hoje fora do meu plano. /

É pois dessas glórias da nossa cidade q. eu me vou ocupar durante breve tempo, a-fim de q. os números tão valiosos do programa não sejam retardados para o gôsto de V. V. Ex^{as}.

O Castelo de Leiria é já agora honroso documento da cultura da cidade. E foi em verdade maravilha q. tivesse chegado ao nosso tempo ainda viva uma ruína q. já em pleno século XVII frei Antonio Brandão, o historiador de Alcobaça q. Herculanoo admirava, via e lastimava como arrazada e quási morta. /

Durante pelo menos três séculos os Leirienses votaram ao abandono o monumento q. coroa com tamanha beleza a sua cidade e, no período constitucional, fizeram como todos os Portugueses, cujas terras possuíam belos monumentos, e q., entre outros documentos do modo de ser da época, puseram em hasta pública a Pena de Sintra, q. um príncipe alemão, tornado rei português pelo casamento, comprou ao Estado por poucos centos de mil réis. O nosso Castelo, graças a Deus, está salvo, e eu faço obra de elementar justiça lembrando / agora para a nossa gratidão o nome do meu velho e ilustre amigo o professor Ernesto Korrodi, q. foi de entre os nossos contemporâneos o primeiro q. amou praticamente o Castelo, dedicando-lhe um estudo numa época em q. os poderes públicos e as iniciativas particulares lhe não davam importância alguma, e dirigindo mais tarde, com devoção patrioticamente portuguesa, as suas obras de consolidação e reparo.

Para avaliarmos do desinterêsse singular q. um monumento da categoria, aliás europeia, do Castelo de Leiria inspirava aos homens de há 60 anos, é curioso lembrar q. em todo o romance / de Eça de Queiroz cuja acção se passa em Leiria, se encontram apenas sete ou oito palavras q. dizem respeito à gloriosa ruína.

Citando *O Crime do Padre Amaro*, – um livro tido como irrespeitoso e ateu, – na presença veneranda do Senhor Bispo de Leiria, cujas excepcionais qualidades e virtudes de prelado muito admiro e a quem dedico amizade muito respeitosa e grata, eu não cometo inconveniência alguma; êsse romance não atacou a Igreja, apenas caricaturou o clero da época. Eça de Queiroz, tão admirável artista da prosa, dotado com singular poder visual – não viu o Castelo. E isto é bem característico duma época. /

Em todo o romance nem sequer o aproveita como pano de fundo ou como elemento de paisagem, êle q. viu e descreveu tão bem alguns aspectos dêste

campo; apenas o cita vagamente para dizer q. essa ruína tem um grande ar histórico – e mais nada. Como não tenho assento em nenhum dos conselhos q. se ocupam dos nossos monumentos, aproveito êste ensejo para dizer q. as obras em execução no Castelo me parecem de inspiração infeliz porq. o acabamento minucioso das muralhas destoa cruamente do critério até aqui adoptado e muito bem – dar a visão mas sem cair na cenografia, sugerir sem completar. /

E outra lembrança me acorre acêrca do Castelo. Ha alguns anos, numa conferência no Teatro Nacional, a proposito da edição nacional de *Os Lusíadas*, sugeri às localidades da metrópole portuguesa citadas no Poema, q. erigissem padrões em q. essas citações fossem inscritas e q. para essas terras representariam formosos atestados de nobreza. Por sinal q. uma dessas terras – e foi Óbidos – erigiu passado pouco tempo o seu padrão camoniano. Ora Leiria tem a honra de se achar citada nada menos q. em quatro versos de *Os Lusíadas*, a seguir à batalha de Ourique:

*Passado já algum tempo q. passada
Era esta grão vitória, o Rei subido
A tomar vai Leiria q. tomada
Fôra, mui pouco havia, do vencido.*

Faço votos por q. uma lápida com estes versos inscritos venha a ennobrecer mais ainda o grande monumento de Leiria. /

Resta agora q. o Castelo receba dos poderes oficiais da cidade q. êle ilustra as honras q. a esta própria ilustrariam, o q. até agora me parece q. se não tem feito.

É ali q. a cidade deve receber e festejar os seus hóspedes, e não no vulgar recinto de qualquer salão. Lembremo-nos por exemplo q. os Congressistas da Critica não tiveram uma palavra distinta para esta capital de distrito, q. aliás os acolheu e de certo gentilmente, porq. não guardaram na memória a passagem por esta cidade, q., com um pouco de gôsto e de boa-vontade, poderia ter-se inscrito entre as visões portuguesas dêsses peregrinos estrangeiros. /

Alcobaça, sempre à sombra do seu mosteiro e sob a influência dos seus túmulos célebres no mundo, tem disfrutado as vantagens e a nobreza duma terra de arte. Razão para q. os chamados homens práticos compreendam q. até o comércio, os negócios, as coisas materiais da vida, só prosperam quando os interesses espirituais os cobrem e os ajudam a desenvolver-se. O mestre genial q. lavrou os túmulos de Alcobaça fez muito mais por essa vila q. todos os seus comerciantes e capitalistas, e Alcobaça é citada no mundo e é um centro universal de turismo porq. algumas esculturas sublimes foram abertas / num calcáreo em memória duma tragédia q. os poetas tornaram imortal.

*

Francisco Rodrigues Lobo é um dos maiores poetas portugueses. Talvez nascido no próprio ano em q. morreu Camões, foi êle quem herdou uma parte do génio camoniano, pelo menos do seu génio lírico. Para mim as redondilhas de Rodrigues Lobo são das mais belas entre todas as portuguesas, e sôbre tudo porq. há nelas uma graça, um sentimento ao modo popular, uma frescura que rescende. E a poesia pastoril – q. tem tão fundas e naturais raízes em Portugal, – conta neste poeta um dos mais belos cultores. /

Evidentemente, quando digo q. Rodrigues Lobo herdou alguma cousa do génio de Camões, não esqueço q. o caso poético de Camões é perfeitamente excepcional, não apenas na literatura portuguesa, mas na do mundo todo. É q. êle, Camões, teve sôbre todos os poetas do seu século e ainda dos seguintes a terrível e maravilhosa vantagem de ser o homem cuja vida, – como ele proprio diz – ficou *pelo mundo em pedaços repartida*; não foi o mero literato q., comodamente, ao lume, compõe as suas rimas – foi rebelde, soldado, marinheiro, desterrado, sofreu com os exílios os climas e as saudades tropicais, curtiu perseguições e misérias nos confins do Oriente – e tudo isto é matéria mais grandiosamente poética do q. cantar o rio natal e fazer versos às mulheres bonitas. /

Da vida de Rodrigues Lobo sabe-se pouquissimo – é o costume com os nossos maiores poetas. – Era de Leiria. Êle próprio o diz num dos diálogos da *Primavera*: – “O meu nome é Lereno, nasci entre as frescas ribeiras do Lis e Lena, terra favorecida do Céu, celebrada de pastores, rica de formosas pastoras...” Formou-se em Coimbra; serviu em Vila Viçosa o duque de Bragança D. Teodósio, e morreu, na fôrça da idade, afogado no Tejo, por volta do ano de 1620. Quanto ao q. teria sido o seu drama amoroso, ignora-se; e a vaga tradição q. o representa como tendo amado uma senhora da casa de Vila Real não pode sustentar-se. / Tudo isto é muito pouco, mas as belas páginas q. nos deixou, em verso e em prosa, falam por êle e exigem a nossa admiração e gratidão comovidas – gratidão particular, porq. êste poeta é o nosso grande poeta regional ao mesmo tempo q. um dos mestres da Linguagem, e o Lis e os seus campos, q. êle amou com verdadeira paixão, ficaram para sempre ligados à sua memória.

Em Florença lê-se numa lápida, ao pé da Ponte Velha, e sôbre o rio, esta citação do Dante: *Sul passo d’Arno* – sôbre a corrente do Arno. /

Nós, Portugueses, não fomos ainda bastante artistas para afixar junto dos nossos rios inscrições com versos dos poetas q. os cantaram, e o próprio Tejo não se adorna com uma única citação de Camões; mas se um dia isso se fizesse em Portugal a inscrição do Lis não poderia ser outra senão esta, tirada do seu poeta e q. êle emprega mais duma vez: – *Formoso rio Lis*. /

Nascido durante a dominação de Castela e morto vinte anos antes da Restauração, Rodrigues Lobo tem também na sua obra um livro escrito em espanhol em q. celebra a jornada de Felipe de Espanha em Portugal. É, em todo o caso,

lamentavel. Mas êste conformismo, em q. infelizmente é certo q. tantos e tantos portugueses da nobreza e dos cargos públicos o acompanharam, foi nobremente resgatado pelo poema épico – *O Condestabre de Portugal*, q., se hoje é de leitura difícil, honra grandemente, pela forte influência patriótica, pelo claro character nacionalista, a memória do Poeta. Para q. Rodrigues Lobo seja pouco lido concorre o facto / de os seus versos se acharem, à excepção das *Éclogas*, entremeadas nas novelas pastoris – êsses romances q. encerram sem dúvida sentido autobiográfico, disfarçando segredos q. os tornavam cativantes na época, mas cuja chave nós não possuímos, o q. no-los torna, a-pesar do sabor da linguagem e do vivo sentimento da natureza, monótonos e frios. Em todas as novelas de Rodrigues Lobo a figura da mulher por êle amada chama-se Lisêa, o q. quer dizer: a do Lis, e certamente a Leiria de 1600 a identificava, porq. o estilo pastoril presta-se às indiscrições guardando um ar ingénuo. Quem seria a Lisêa q. o Poeta tanto amou, de quem foi tão querido, e q. êle veio / encontrar na posse doutro homem quando aqui voltou depois de longa ausência? Como essa figura de Lisêa, – de mais a mais disfarçada de pastora, o q. concorre para a tornar artificial – não é bastante viva para q. haja resistido à acção dos séculos, êsses idílios e dramas da pastoral, q. certamente encerravam oculto interêsse, deixaram de o ter para nós nos seus aspectos humanos. O livro em prosa q. melhor se lê dêste poeta, e êsse com prazer, é a *Côrte na Aldeia* – um livro q. não é nem quer ser poético, e participa ao mesmo tempo de tratado filosófico e de guia na sociedade. Mas o Dr. Ricardo Jorge, no seu muito notável livro consagrado a Rodrigues Lobo, é talvez rude para os seus pastores quando diz – “Aquela pastorada frenética arrepele-se, chora, perde os sentidos por dá cá aquela palha, / são bonifrates... movem a riso...” Para mim não são bonifrates, nem me fazem rir. São simplesmente figuras q. possuíram humanidade em certa época literária, q. ocultaram segredos cujo entendimento não alcançamos, e q. em suma passaram de moda, como acontece a tantas figuras de tantos romances e aconteceu por exemplo a certos galãs bem-falantes de Camilo. Mas Rodrigues Lobo é profundamente regional, e até êsse seu nome pastoril de Lerenó, tirado de Leirena ou Leiria, demonstra o amor q. teve à sua terra. Logo na primeira página da *Primavera*, o seu primeiro romance, êle fala assim, sob a rubrica – *Vales e Montes entre o Lis e o Lena: I*

“Entre as fragosas montanhas de Lusitânia, na costa Ocidental do Mar Oceano, aonde se vêem agora com mais nobreza levantadas as ruínas da cidade antiga de Calipo, há um espaçoso sítio, partido em verdes outeiros e graciosos vales, q. a natureza com particulares graças povoou de árvores e fontes q. fazem nêle perpétua Primavera, em meio do qual se levanta um monte agudo de penedia, cercado como ilha de dois rios q. pela falda dêle vão murmurando, até q. ajuntando-se levam ao mar em companhia a vagarosa corrente, assim da parte do rio Lis, q. na cópia das aguas é principal, como pela do claro Lena, q. escondido entre arvoredos faz o caminho...” /

É este o cenário inicial da *Primavera* e aquele q. o poeta, através dos campos do Mondego ou das praias do Tejo, jamais poderá esquecer. Logo nas primeiras páginas dêsse romance encontra-se este belo soneto ao rio bem-amado:

*Formoso rio Lis, q. entre arvoredos
Ides detendo as águas vagarosas,
Até q. umas sobre outras, de invejosas,
Ficam cobrindo o vão destes penedos;
Verdes lapas, q. ao pé de altos rochedos
Sois morada das ninfas mais formosas,
Fontes, árvores, ervas, lírios, rosas,
Em q. esconde amor tantos segredos:
Se vós, livres de humano sentimento,
Em quem não cabe escolha nem vontade,
Também às leis de amor guardais respeito,
?Como se há-de livrar meu pensamento
De render alma, vida e liberdade
Se conhece a razão de estar sujeito? /*

E tão amoroso é o poeta do seu rio q., antes de partir para Coimbra, e de certo por amor de Lisêa, dêle se despede como se fôsse empreender remota viagem, endereçando-lhe as saudades q. vai sentir da mulher amada:

*– Formoso rio Lis, q. de contente
Ides detendo as águas vagarosas
Por não passar daqui vossa corrente,
Entre essas ondas claras duvidosas
Levai ao largo mar com turva veia
Tristes queixumes, lágrimas queixosas...*

Para mim, porém, de toda a obra poética de Rodrigues Lobo o q. ressalta mais vivo é a gentilíssima figura de Vilante. Eu creio q. poucas vezes um poeta terá deixado para glória da sua terra, e para glória das mulheres dela, uma imagem tão graciosa, tão bonita e tão viçosa como essa, em versos q. alvorecem como um poema de alvura, e constituem ao mesmo tempo um claro tema plástico de pintura a fresco ou de escultura em mármore alvíssimo. /

Todos nós conhecemos a cantiga de Vilante, mas não quero furtar-me ao prazer q. eu próprio sinto em recordar êstes versos encantadores:

*Antes q. o sol se levante
vai Vilante ver o gado,
mas não vê o sol levantado
quem vê primeiro a Vilante.*

*É tanta a graça q. tem
c'uma touca mal envolta,
manga de camisa solta,
faixa pregada ao desdém,
q. se o sol a vir diante
quando vai mungir o gado,
ficará como enleado
ante os olhos de Vilante.*

*Descalça às vezes se atreve
ir em mangas de camisa;
se entre as ervas neve pisa
não se julga qual é neve;
duvida o q. está diante
quando a vê mungir o gado,
se é tudo leite amassado,
se tudo as mãos de Vilante. /*

*Se acaso o braço levanta
porq. a beatilha encolhe,
de qualquer pastor q. a olhe
leva a alma na garganta.
E inda q. o sol se levante
a dar graça e luz ao prado,
já Vilante lha tem dado,
q. o sol tomou de Vilante.*

Recordarei também estas redondilhas em ritmo de bailado, q. nunca vi citadas e eu acho deliciosas na sua graça tão rústica e popular:

*Zagala, os teus olhos
picam mais q. tojos.*

*Nos bois o aguilhão
não faz tanto dano
como um seu engano
no meu coração.
Num jeito q. dás,
Zagala, os teus olhos,
picam mais q. tojos. /*

*Se de mim, zombando,
sorrindo-te os mudas,
com pontas agudas
me estão trespassando.
Mais picado ando
de ver os teus olhos
q. de arrancar tojos!*

*Setas no ferir
são suas pestanas,
com que tu me enganas
vendo-as eu bulir;
mas não sei fugir.
Piques dos teus olhos
q. são mais q. tojos!*

Ocorre agora perguntar: – uma praça e um liceu com o nome de Francisco Rodrigues Lobo, uma quási invisível placa de metal afixada num prédio dessa praça, serão homenagem condigna do Poeta ilustre q. tanto amou e celebrou a sua nobre terra de Leiria? /

Pois q. a iniciativa apresentada há anos por Acácio Leitão – e q. eu aplaudi – não teve seguimento, dirijo novo apêlo ao espírito da cidade para q. o monumento a Rodrigues Lobo se lhe afigure emfim um dever cívico q. tem de se cumprir, uma dívida de honra q. é necessário pagar. É claro q. me não refiro à estatua nem sequer a um busto do Poeta, formas desejáveis apenas em condições especialíssimas – e se não veja-se a multidão de erros lamentáveis praticados neste sentido. Refiro-me a um monumento em q. se empregassem os lindos liozes de q. esta região é tão rica, q. os nossos canteiros trabalham a primor, / e q. por sinal não são empregados nas pontes recentemente construídas, onde o cimento, q. tem aliás mil aplicações lógicas, dá um tom morto a essas construções, prejudicando as paisagens, q. deviam ser tão dignas de carinho como os monumentos, e realmente o são nos países de gôsto superior. Ésse monumento a Rodrigues Lobo poderia tomar a forma, ao mesmo tempo clássica e acolhedora, duma *exedra* – espécie de muro arquitectónico, prestando-se à aplicação de baixos relevos, e com bancos na base, convidando o passeante ao repouso à sombra, / e em cujas paredes se enleassem trepadeiras de rosas, emmoldurando os versos gravados na pedra. É um projecto fácil, q. reclama apenas artistas de talento – e aqui não faltam. A dificuldade estará apenas no local, visto q. o bárbaro derrote do arvoredo – q. barbaramente se pratica pelo país – tem pouco e pouco feito desta cidade e das margens do seu rio uma cidade despida de graça vegetal e um rio corrente entre paredes nuas. Ainda recentemente foi abatida junto da nova ponte uma árvore

formosíssima, cujo tronco secular jazia por terra para transir quem tivesse alguma sensibilidade. /

E isto foi certamente um crime – entre tantos outros desta natureza – um crime contra Deus porq. essa árvore era bela, era sã, era centenária, e um crime contra a arte porq. essas braçadas verdejantes eram tão desejáveis nesse mesmo local q. será preciso vir a plantar outra árvore para q. de aqui a muito tempo se ache remediado o êrro lastimável. Digamo-lo com tristeza, mas digamo-lo com coragem, porq. é da fraqueza dos nossos silêncios q. os erros prosperam. /

A sombra de Lereno errante no outro mundo, deve sofrer agudas dores se acaso voltar ao Lis q. êle tanto amou. Mas, emfim, busquemos com a melhor vontade um local possível, e perpetuemos a memória do Poeta das nossas paisagens, dos nossos campos, das nossas árvores, das águas dos nossos rios e fontes, e da beleza e graça das mulheres desta região, de q. essa Vilante adorável nos fica como eterno símbolo de poesia.

*

Depois do Poeta, o Herói. Mousinho de Albuquerque reclama também a consagração q. esta cidade lhe deve tributar, honrando-se a si-própria e adornando-se / com a alta glória de ser a terra natural do grande Português, q. nasceu no seu subúrbio e aqui teve sempre família. Num livro q. estou para publicar invoco a figura de Mousinho, juntando-o, por um movimento espontâneo de orgulho provincial, à nossa região comum:

*Mousinho, meu patricio!
Glória entre puras glórias,
alto deslumbramento
da minha juventude!*

*Filho desta provincia bem-amada
e toda toda toda povoada
de castelos, mosteiros e memórias!*

*Por ti, Mousinho, invoco
os lugares sagrados
desta piquena pátria q. adoramos
na grande, a de confins ilimitados: /*

*— Alcobaça, êsse berço
de Portugal menino;
Batalha — o povo luta, o povo reza;
Tomar — o povo cresce, o povo embarca!*

*E à volta destas pedras
encharcadas em alma,*

*o Pinhal do rei canta
com as ondas do mar!... /*

Tive a honra de conhecer Mousinho na intimidade, sendo eu um adolescente e êle o mais aureolado dos Portugueses de então, antes q. o invadissem o pessimismo q. o levou ao fim trágico, porq. Mousinho foi na realidade vitimado pela sua época, dentro da qual não cabia a estatura épica q. êle tinha. E só na intimidade o seu extraordinário encanto pessoal desabrochava, desde o sorriso dos seus olhos, q. boiavam em fluido magnético, até à ironia muito intelectual e aristocrática da sua conversação, ironia q. êle applicava a si-próprio. Ninguém q. haja conhecido Mousinho na intimidade poderá esquecer o q. havia de singular na sua atracção, na simpatia do seu magnetismo pessoal, q. devia ter sido um dos segredos das suas vitórias, como não poderá esquecer também a máscara torturada com q. mais tarde passava nas ruas de Lisboa, já divorciado da cidade, da gente, da época, para pouco depois se divorciar da vida!... /

E também êle amou fielmente a sua provincia e a sua terra – a sua piquena pátria dentro da Pátria grande, q. tanto concorrera para tornar maior. À volta de África veio logo passar na Gândara, junto das senhoras da sua familia, a licença militar, e recordo-me muito bem de o ver vestido de jaqueta passear nas estradas a cavalo, gozando, como um estudante em férias, o ar e o sol da sua provincia. /

Mas não é das recordações pessoais q. eu guardo de Mousinho q. falarei agora; essas conto-as nas memórias q. estou escrevendo, e conto-as com a comoção ainda e sempre palpitante de ter conhecido um Português q. pertence à História de Portugal. Com efeito, o papel de Mousinho de Albuquerque e dos seus discipulos e camaradas nas campanhas de África foi de tal magnitude q. bem podemos crer q. se hoje possuímos as nossas provincias – provincias e não *colónias*, palavra tão funesta q. se introduziu na linguagem contemporânea – q. se hoje possuímos as nossas provincias, a êsses modernos / lusiadas o devemos. Entre todos, Mousinho de Albuquerque foi a mais vera imagem do Heroísmo português, porq. a sua magnifica bravura de soldado se ennobrecia com a cultura dum verdadeiro intelectual e com a poderosa mentalidade dum Chefe. O seu livro *Moçambique* é ainda hoje o mais belo documento com q. pode orgulhar-se a nossa moderna literatura sôbre o Além-Mar. Se Portugal contou no nosso apagado século XIX uma hora de puro brilho diante do mundo todo, foi quando o imperador Guilherme da Alemanha, então na plena fôrça dos seus bélicos poderes e no fervor das suas ambições, chamou Mousinho à côrte de Berlim / para lhe pôr ao peito a mais honrosa das suas Águias. Mousinho foi o facho espiritual, aceso numa época tão pobre de alma colectiva, tão medíocre de ideais, – a cuja chama devemos q. se não houvesse extinto a consciência heróica de Portugal. Falei dos companheiros de Mousinho, e um existe com cuja amizade me honro e q., pelos altos serviços q.

prestou à pátria, pela sua exemplar dignidade, / pela sua honradíssima pobreza, não quero deixar de citar agora – Henrique de Paiva Couceiro. Mas Mousinho de Albuquerque entrou já na imortalidade dos Heróis, e, para terminar, direi q., numa época como a nossa, em q. o mundo revólto se prepara para novas e tremendas convulsões, é às memórias como a dêle q. havemos de pedir as inspirações da nossa acção, as inspirações do amor da Pátria, do culto da Honra, da coragem moral diante de todos os perigos, / e, sôbre tudo, a crença invencível nas virtudes eternas do Espírito – quanto mais belas, quanto mais fortes, quanto mais vivas do q. as glórias passageiras da Matéria!

Tenho dito.